

ECOLOGIZAÇÃO DAS DISCIPLINAS

Maurício Andrés Ribeiro (*)

Estruturada em departamentos, faculdades e unidades de ensino, a universidade abriga disciplinas que tratam, com maior ou menor grau de profundidade, as questões ambientais e ecológicas.

A formação profissional, nas universidades, condiciona o modo como cada profissional percebe o ambiente. Assim, por exemplo, a **Astronomia e a cosmologia** são disciplinas que abrem ampla perspectiva e visão de mundo que podem ajudar a colocar as questões ecológicas e o papel da espécie humana na escala do universo.

A formação dos **físicos e químicos** os equipa para a percepção dos poluentes do ar, da água ou do solo; os **engenheiros sanitaristas** estudam as bacias hidrográficas e enfatizam a água; os **urbanistas**, a ecologia urbana; e assim por diante.

Na **arquitetura**, não apenas se estuda o ambiente, mas se projeta o meio ambiente construído, os ecossistemas urbanos nos quais vive a maior parte da população. Durante longo tempo, a educação em arquitetura em países tropicais importou padrões de outras sociedades e ambientes temperados, produzindo como resultado construções pouco funcionais. Na década de 60, com a crise do petróleo, uma mentalidade diferente, que enfatiza o regional e o cultural, passou a se desenvolver. Disciplinas como a do Conforto Ambiental prestavam-se, até muito recentemente a apenas ensinar a dimensionar equipamentos mecânicos de ar condicionado. Hoje, impulsionadas pela crise energética e climática, incorporam os valores da arquitetura bioclimática e propõem que se projete usando os recursos naturais como o clima e os materiais locais. Os **biólogos** ressaltam o ambiente como ecossistema. Entretanto, muitas vezes o conteúdo do que é ensinado afasta-se da abordagem ecológica, voltada para a vida e a proteção ambiental. Um exemplo disso é que nas escolas de ciências biológicas e agronomia, estuda-se a vida e os mecanismos vitais, mas uma de suas consequências é a descoberta da melhor forma de eliminar a própria vida, com a fabricação de defensivos agrícolas e pesticidas. Cada formação profissional tem seu próprio ângulo e filtro de percepção ambiental. E, não raro, as intervenções que estes saberes proporcionam acabam por agravar em vez de mitigar os problemas humanos. Muitos dos problemas experimentados pelas sociedades atuais poderiam ser erradicados, caso a perspectiva predominante fosse ecologicamente mais responsável e sustentável.

Economia e ecologia precisam caminhar na mesma sintonia. Mudanças no sistema econômico devem considerar seriamente as questões ecológicas — e não apenas no nível dos discursos e das intenções. Ainda há um longo caminho a percorrer nessa direção estrutural, especialmente quanto aos hábitos de consumo e aos indicadores econômicos. A ecologização da economia, com o desenvolvimento de instrumentos para induzir a redução de demanda supérflua, poderia ser associada a sinais econômicos e de mercado: os preços dos produtos deveriam embutir os custos ecológicos e ambientais diretos e indiretos a eles associados, encarecendo os produtos que promovam a destruição ambiental. Novos indicadores que substituam o PIB e outros largamente usados contribuirão para dar maior visibilidade a abordagem ecológica.

No que se refere à **ecoeducação** nas universidades, é insuficiente trabalhar com

currículos extensos e completos, como se se tratasse apenas de somar mais e mais conteúdo curricular. É necessário previamente trabalhar com a ecologia da mente e com as questões da subjetividade, instrumento básico da educação. Deve-se enfatizar a ecologia interior, a ecologia pessoal, e a formação de ambientalistas integradores, que transcendam a visão reducionista dos especialistas, sem a visão de conjunto.

É necessário prover o equilíbrio entre ensino teórico e prático, bem como a ocorrência de atividades e trabalhos experimentais, nos quais não só a visão racional e intelectual será estimulada, mas também a sensibilidade, por meio da intuição, as emoções e os sentimentos.

A **História** é uma disciplina chave para nos dar referências. Para situar numa perspectiva adequada o papel e o lugar da espécie humana no universo, seria necessário perspectiva ampliada, que focalize não apenas a história humana ou a história da Terra, mas a história do universo como referência básica.

Atualmente, em maior ou menor grau, existe uma ecologização das disciplinas, como exemplificado na figura. A ecologização da universidade pode se realizar, também, a partir da crescente *ecologização* de cada disciplina e unidade universitária.

FIGURA – AS ECOLOGIAS NO CURRÍCULO UNIVERSITÁRIO

DISCIPLINA	UNIDADE
Cosmologia	Astronomia Ecologia Cósmica
Planejamento Regional Conforto Ambiental História da Arquitetura Ecologia Urbana	Arquitetura
Planejamento Regional Clima Geologia e Geografia Ambiental Recursos Naturais	Geociência e Geografia
Computação	Ciência da Computação
Ecologia Urbana	Urbanismo
Ecologia Humana Ecologia da Mente Psicologia Ambiental	Psicologia
Ecodesenvolvimento Economia Ecológica	Ciências Econômicas
Educação Ambiental Ecologia Cultural Ecoalfabetização	Educação Pedagogia
Direito Ambiental Legislação Ambiental	Direito
Saneamento Engenharia Ambiental Avaliação de Impactos Ambientais	Engenharia
Ecosistemas Biotecnologia Zoologia	Biologia
Política Ambiental	Ciência Política

Ecologia Política	
Impactos Ambientais Defensivos Agrícolas	Agronomia
Geologia Ambiental	Geologia Arqueologia
História das Idéias Ambientalistas Epistemologia Filosofia das Ciências	Filosofia
História do Universo História Ambiental História Natural	História

Considerando a tendência, nas **ciências**, de sobrecarga do mental e do intelectual, em detrimento de outros modos de apreensão e compreensão da natureza – igualmente importantes para o desenvolvimento da consciência ecológica e de uma mudança de mentalidade, é insuficiente a abordagem apenas científica da questão ambiental.

É necessária uma adesão mais profunda à ética e à consciência ecológica, no entendimento de que se trata de tema do qual depende a sobrevivência da espécie. Essa adesão ancora-se, de um lado, no amor à natureza e, de outro, no temor às ameaças que o desequilíbrio ecológico, bem como as mudanças climáticas podem trazer à segurança e à sobrevivência individual e coletiva.

Como Sri Aurobindo, compreendo a atividade intelectual com um duplo caráter — “*dividida entre os centros intelectuais imaginativos, criativos ou compreensivos, de um lado, e o crítico, analítico e penetrante, de outro*”. Adotando-se visão holística, reequilibram-se esses vários aspectos que superam a abordagem reducionista e fragmentada da ciência e do desenvolvimento social humano. Corpo, mente e emoções, ciências, artes, tradições e visões de mundo precisam com urgência ser *ecologizados*.

(*) Autor de Ecologizar www.ecologizar.com.br mandrib@uol.com.br